

“Resumo inter-religioso sobre a violência baseada no gênero

“Não podemos mais permanecer em silêncio, pois somos chamados a defender a dignidade humana para toda a criação”

Comunidades religiosas dão resposta à violência baseada no gênero

1. INTRODUÇÃO

A nossa região da África Austral está a lutar contra a epidemia da violência baseada no gênero. É perpetrada nas nossas casas, instituições de ensino, comunidades religiosas, nos locais de trabalho e locais públicos. As mulheres e as raparigas são violadas, e cada vez mais os homens e os rapazes também. As relações íntimas que normalmente associamos ao amor, ao carinho e à segurança tornaram-se plataformas de abuso e de insegurança.¹ As consequências da violência baseada no gênero para a saúde e o bem-estar dos sobreviventes e dos seus queridos são profundas. Enquanto órgãos religiosos, estamos a tomar uma posição no sentido de abordar a violência baseada no gênero.

Reconhecemos a elevada incidência de violência baseada no gênero na nossa região, onde 1 em cada 3 mulheres foi, alegadamente, afetada por alguma forma de violência ao longo da sua vida. A experiência de vida da violência baseada no gênero nas mulheres varia entre 86% no Lesoto e 24% nas Ilhas Maurícias.² Reconhecemos os desafios colocados por estes números, especialmente por estes últimos representarem apenas a ponta do icebergue, pois a maioria dos casos não é reportada. A UNPFA afirma que a violência baseada no gênero “é uma das violações mais generalizadas, menos reportadas e não resolvidas dos direitos humanos no mundo.”³ A violência baseada no gênero também é conhecida como “a epidemia silenciosa”, não apenas pelo facto de não ser reportada, mas também por causa do nosso silêncio coletivo, e do silenciamento dos sobreviventes através de fatores socioculturais e religiosos tais como o abuso de textos sagrados, o estigma, a discriminação e outras pressões sociais. Enquanto comunidades religiosas, promovemos uma cultura de silêncio e sigilo em relação à violência baseada no gênero.

Confessamos não termos estado tão proativos na resposta a esta epidemia como somos chamados a ser. Tendemos a minimizar as necessidades e o sofrimento das mulheres.⁴ Ao considerar qualquer questão relacionada com o sexo e a sexualidade, incluindo a violência baseada no gênero como



tabu, temos reforçado a cultura do silêncio. No entanto, estamos convencidos de que as fontes que se encontram nas nossas tradições religiosas colocam-nos estrategicamente na linha da frente na resposta à violência baseada no gênero. Como tem sido corretamente observado, “Os líderes religiosos influenciam a comunidade religiosa inteira, e como tal podem influenciar, de forma negativa, toda uma comunidade com atitudes conservadoras intolerantes às mulheres, sobreviventes e à igualdade de gênero.”⁵ Assim, negligenciámos o nosso dever de “não fazer mal” e, no processo, prejudicámos as pessoas que depositaram a sua confiança em nós.

Nós, enquanto líderes religiosos, lamentamos o facto de, embora alguns de nós tenham ouvido os gritos dos sobreviventes da violência baseada no gênero e tenham proporcionado aconselhamento e apoio, outros entre nós não oferecem os ambientes seguros de que os sobreviventes precisam. Também não temos estado tão visíveis nas linhas da frente como nos exige a nossa fé. Confessamos que ao aconselharmos as mulheres a manterem-se em relações abusivas, ao pregarmos mensagens que reforçam a violência baseada no gênero, temos abdicado das nossas obrigações de protetores das nossas comunidades. Dolorosamente, reconhecemos que alguns dos nossos líderes e membros têm sido implicados e condenados como autores de violência

baseada no género. Somos culpados de ignorar práticas sociais e culturais opressivas, fundamentadas nos nossos textos religiosos. Embora nos tenhamos pronunciado contra a pobreza, não temos entendido plenamente como a pobreza das mulheres aumenta a sua vulnerabilidade à exploração e ao abuso. Resolvemos agir com convicção no sentido de acabarmos com a violência baseada no género nas nossas fileiras e instituições, e nas nossas comunidades e na sociedade. Comprometemo-nos a tornar-nos espaços seguros e de cura para os sobreviventes e a assegurar que os sobreviventes da violência baseada no género tenham acesso a justiça.

2. CONTEXTUALIZANDO A VIOLÊNCIA BASEADA NO GÉNERO

A nossa resposta à violência baseada no género pode ser reforçada se investirmos em entender alguns dos principais causadores da epidemia. Os nossos textos sagrados deixam claro que devemos procurar o conhecimento (Baha'u'llah Kitab-i-Aqdas, pp 51-52; Oséias 4: 6 e o Corão 20: 114). Ter um entendimento mais abrangente da complexidade da questão da violência baseada no género permitir-nos-á desenvolver e implementar respostas mais eficazes. Não podemos continuar calados, nem assumir que a violência baseada no género é uma questão privada. É, em muitos casos, uma questão de vida ou de morte; uma questão de segurança humana, dignidade, fé, direitos humanos e é recurso-chave para a prosperidade de nações inteiras.

A violência baseada no género, tal como definida pela SADC, refere-se a todos os atos perpetrados contra mulheres, homens, rapazes e raparigas com base no seu sexo, que lhes causam ou podem causar-lhes danos físicos, sexuais, psicológicos, emocionais ou económicos, inclusive as ameaças de tais atos, ou de impor restrições arbitrárias ou a privação de liberdades básicas na vida privada ou pública em tempo de paz e em situações de conflito armado ou de outras formas de conflito⁶.

A violência baseada no género atribui-se a muitos fatores. Embora os homens individuais sejam responsáveis pelas suas ações individuais, reconhecemos haver fatores estruturais e sistémicos que devem ser tidos em conta. Assim, a violência baseada no género:

... é uma consequência da desigualdade e da discriminação de género e é moldada pela interação de um vasto leque de fatores sociais, culturais, económicos e políticos. Por intenção ou efeito, a violência contra as mulheres serve para perpetuar o poder e o controlo masculinos e é sustentada por uma cultura de silêncio e de negação da gravidade das consequências físicas e psicológicas do abuso⁷.

Reconhecemos ainda que a violência endémica nas nossas sociedades africanas faz parte do legado da violência colonial que despojou o nosso povo da sua herança e destruiu o tecido social de muitas comunidades, deliberadamente empobrecendo grandes massas de pessoas no interesse do lucro e do império. É neste contexto de perda de identidade que a violência se torna uma opção, e à medida que se torna habitual, torna-se normalizada. É também neste contexto que aqueles que foram desfavorecidos por sistemas sociais mais amplos procuram, inconscientemente ou conscientemente, afirmar o seu próprio estatuto e poder por todos os meios possíveis. Assim, vemos que a violência gera a violência, e aqueles que são marcados pela violência reproduzem a mesma violência que marcou a sua própria humanidade.



No entanto, são as mulheres e as raparigas que são, na sua maioria, sujeitas à violência em todas as suas formas. Isto se deve às relações de desigualdade entre os homens e as mulheres na sociedade. A religião, a cultura e a socialização de género, em conjunto, tornam as mulheres mais vulneráveis à violência baseada no género.⁸ As ideologias fundamentadas na religião e na cultura socializaram muitos homens a considerarem a violência como uma forma legítima através da qual se expressarem. Ademais, o regime patriarcal autoriza os rapazes e os homens priorizar os seus prazeres e os seus interesses em detrimento da saúde e do bem-estar das meninas e das mulheres. Assim, o desequilíbrio de poder entre os homens e as mulheres na sociedade é, em grande medida, responsável pela violência baseada no género.⁹

Reconhecemos que os nossos textos sagrados têm sido frequentemente usados de modo estreito para reforçar os sistemas sociais destrutivos e os abusos. Mas há outra trajetória que percorre todos os nossos textos sagrados – a de um Deus que se mantém ao lado dos pobres e dos marginalizados contra os ricos e os poderosos. Por isso, no contexto da violência baseada no género, temos de aceitar que o uso dos textos sagrados para justificar o regime patriarcal e o domínio masculino tem de ser contrariado, recuperando-se outras partes destes textos que se pronunciavam contra a violência e o abuso do poder e a favor da paz, da justiça e da cura, e de um mundo em que todos os seres humanos sejam de igual valor porque somos todos criados à imagem de Deus.

Embora os nossos governos e organizações da sociedade civil tenham tomado medidas positivas no sentido de combater a violência baseada no género, ainda há muito para fazer.

Continuamos a testemunhar alguns homens a praticarem a violência baseada no gênero com impunidade. Continuamos a enterrar raparigas e mulheres mortas por tais homens. Infelizmente, por vezes continuamos a esconder casos de violência baseada no gênero ocorridos nas nossas casas, instituições religiosas e comunidades.

Nós, enquanto líderes religiosos, reconhecemos que somos atores fundamentais na resposta às questões de saúde e questões sociais e que podemos desempenhar um papel influente na prevenção e redução da violência baseada no gênero e na vulnerabilidade relacionada com o VIH.

2.1. Inspirados a agir: Exemplos de respostas de inspiração religiosa à violência sexual e a violência baseada no gênero na região

QUINTAS-FEIRAS EM PRETO: RESISTÊNCIA E RESILIÊNCIA

A campanha é simples, mas profunda. Vista-se de preto às quintas-feiras. Use um alfinete para declarar que faz parte do movimento global resistente a atitudes e práticas que permitam a violação e a violência. Mostre o seu respeito pelas mulheres que se mostram resilientes perante a injustiça e a violência. Encoraje os outros a juntarem-se a si. A cor preta tem sido associada com conotações raciais negativas. Nesta campanha, o preto usa-se como cor de resistência e resiliência¹⁰.

Apesar dos nossos desafios históricos, não temos estado completamente ausentes da resposta à violência baseada no gênero. Alguns de nós temos procurado fazer ouvir as nossas vozes e sermos visíveis nas linhas da frente. A título de exemplo, anualmente, alguns dos nossos grupos religiosos participam ativamente nos 16 Dias de Ativismo contra a violência baseada no gênero. Temos procurado aprofundar o reconhecimento de a violência baseada no gênero estar no cerne da nossa fé e da nossa espiritualidade. Ademais, as campanhas inter-religiosas das quintas-feiras em preto contra a violência baseada no gênero estão a ganhar ímpeto na nossa região. Trata-se de uma campanha do Conselho Mundial das Igrejas que visa mobilizar a comunidade religiosa para reconhecer a urgência de abordar a violência baseada no gênero. Desafia os religiosos a priorizarem a resposta à violência baseada no gênero nas comunidades deles.

Em toda a região, estão em curso colaborações inter-religiosas no sentido do envolvimento dos rapazes e dos homens na resposta à violência baseada no gênero. Estas iniciativas visam mobilizar os rapazes e os homens para participarem ativamente na resposta à violência baseada no gênero. As organizações não-governamentais que atuam em torno dos homens e das masculinidades também estão a reconhecer a importância dos homens nas comunidades religiosas e têm colaborado em sessões de formação. Há



um compromisso no sentido de assegurar que os rapazes e os homens se tornem recursos na abordagem da violência baseada no gênero. Assim:

Em muitos lugares verifica-se que há papéis, comportamentos e atributos que se consideram apropriados para os homens e associados a masculinidades que enfatizam as relações de igualdade e de respeito entre as mulheres e os homens, e que encaram as feminilidades como diferentes mas igualmente valorizadas. Focadas na igualdade de gênero, estas masculinidades transformadoras desafiam a legitimidade das ideias e práticas patriarcais. As masculinidades transformadoras devem ser positivas para todos, porque enfatizam os valores da igualdade, do respeito por e da dignidade das pessoas de todas as identidades de gênero.

Em muitos lugares verifica-se que há papéis, comportamentos e atributos que se consideram apropriados para os homens e associados a masculinidades que enfatizam as relações de igualdade e de respeito entre as mulheres e os homens, que encaram as feminilidades como diferentes mas igualmente valorizadas. Focadas na igualdade de gênero, estas masculinidades transformadoras desafiam a legitimidade das ideias e práticas patriarcais. As masculinidades transformadoras devem ser positivas para todos, porque enfatizam os valores da igualdade, do respeito por e da dignidade das pessoas de todas as identidades de gênero¹¹.

Reconhecemos o nosso papel enquanto educadores e fornecedores de informações que podem ajudar a prevenir a violência baseada no gênero. Alguns dos nossos seminários e instituições de formação teológica asseguram atualmente que os estudantes sejam introduzidos ao tema da violência

A IGREJA ANGLICANA DA ÁFRICA AUSTRAL, DIOCESE DE NATAL ABORDA A VIOLÊNCIA BASEADA NO GÊNERO

Há mais de seis anos que a Diocese Anglicana de Natal se esforça para abordar questões de gênero e de violência baseada no gênero mediante submissões feitas ao Sínodo e a criação de estruturas de comitê no seio da Diocese. Durante esse período, o Arcebispo Thabo Makgoba, que chefiava a Igreja Anglicana da África Austral (ACSA), apelou para que a Igreja deixasse de esconder debaixo do tapete a questão da violência baseada no gênero e para que ela desse uma resposta pastoral aos sobreviventes em vez de os estigmatizar.

Foi a partir dos inícios de 2017, quando um novo bispo foi eleito, que começamos a fazer progressos concretos na Diocese de Natal. Pela primeira vez, tínhamos um bispo para quem abordar a desigualdade de gênero e a violência baseada no gênero era uma prioridade. De tal maneira que nomeou um Cânone Leigo para ocupar-se dos assuntos de gênero e de violência baseada no gênero. Foi criada uma equipa do Ministério do Gênero composta por dez pessoas com dons diversos. O Bispo Dino declarou que não tinha experiência em abordar questões de gênero, mas estava disposto a aprender, porque sabia que Deus o estava a chamar para liderar a Diocese na abordagem da violência baseada no gênero. A nova visão para a Diocese era simplesmente "Comunidades Amorosas", e o lema do trabalho do Comitê de Gênero era "Tornando-se Comunidades Amorosas".

A estratégia do Cânone foi de convidar o Secretário-Geral e Bispo Presidente da Igreja Evangélica na África Austral a uma reunião de alto nível para partilhar

sobre o seu próprio programa de abordar a violência baseada no gênero. Isto permitiu ao Bispo e aos seus adjuntos compreenderem a importância e o poder de aproveitar da sua posição para liderar este trabalho.

Foi iniciado, ao longo de dois anos, um processo de conscientização mediante os quatro Fóruns do Clero convocados pelo Bispo para abordar vários aspetos da violência baseada no gênero. Verificaram-se bolsas de resistência, mas a resposta foi geralmente positiva, uma vez que se reconheceu que a violência baseada no gênero constituía cada vez mais uma preocupação pastoral. Os workshops deram origem a planos para alargar tais conversas a nível local, regional e a nível paroquial, e o clero começou a fazer planos para o trabalho a nível regional nos 11 Distritos (Arquidiáconos) em toda a Diocese.

No entanto, o Cânone Leigo expressou algum mal-estar ao Bispo relativamente à continuação de um programa de educação enquanto se mantinham o silêncio e os tabus em torno da violência baseada no gênero na igreja. Referia-se, neste contexto, aos ensinamentos e práticas da igreja que possibilitavam um ambiente em que a violência baseada no gênero se tolerava ou mesmo era supostamente perpetrada por alguns líderes da igreja. Ele concordou e comprometeu-se a um processo de declarar publicamente que a Diocese tinha uma política de tolerância zero em relação ao assédio sexual e que quaisquer queixas de má conduta sexual pelo clero ou pelos líderes leigos seriam tratadas com firmeza.

Ademais, o Bispo Dino chocou os líderes religiosos presentes numa conferência da coligação We Will Speak out SA ao declarar que o cerne do problema da violência baseada no gênero era o ensinamento acrítico da noção da

"chefia masculina" e da "submissão feminina".

Isto encorajou alguns sobreviventes a reportarem os seus casos ao Bispo, e realizaram-se investigações com base no Código de Conduta Pastoral e nos cânones legais da Diocese que tratam a má conduta sexual. Estes processos expuseram determinadas falhas nos sistemas jurídicos e nos processos, as quais foram retificadas. Outro fator que frustra os casos é o medo que por vezes os envolvem, o que pode impedir que as pessoas testemunhem, e pode acarretar divisões no seio de uma paróquia e graves intimidações dos queixosos e das testemunhas.

No último ano, o Gabinete do Arcebispo também tem lidado com outros casos, com resultados variados. O Arcebispo criou uma Comissão de Igreja Segura, que tem trabalhado na elaboração de Princípios de uma Igreja Segura. Com base nas lições aprendidas destas experiências, esta Comissão e o seu órgão consultivo desenvolveram documentos fundamentais e disposições legais, que acabam de ser aprovadas pelo Sínodo Provincial, o órgão de decisão mais elevado da ACSA.

Esta é, portanto, uma história de mudança, mas também uma história de como é arriscado para os sobreviventes e até mesmo para os líderes religiosos seniores tomarem uma posição. E é um apelo a todos nós, nas fileiras das nossas instituições religiosas, para nos lembrarmos da importância de continuarmos firmes, em solidariedade uns com os outros e com os líderes que estão dispostos a se arriscar ao responderem ao apelo de Deus para erradicarmos todos os segredos escondidos que minam a integridade da nossa testemunha e a credibilidade do nosso ministério enquanto locais de culto e cura.

baseada no gênero ao longo da sua formação.

Reconhecemos que somos chamados a "proporcionar locais de segurança" aos sobreviventes da violência baseada no gênero, e a assegurar que falemos uma verdade que não banalize a luta deles para reafirmarem a vida nem coloque ainda mais em perigo a vida deles. Percebemos que mediante os nossos textos sagrados, tradições, ensinamentos e doutrina, as nossas comunidades religiosas podem transmitir valores que honrem a dignidade humana,

promovendo atitudes positivas e proporcionando orientação e ensinamentos de vida sobre a sexualidade.

Entre nós, temos atualmente grupos religiosos com políticas que abordam a violência baseada no gênero, no local de trabalho e dentro das comunidades religiosas. Trabalhando com indivíduos inspirados nas nossas comunidades e criando sinergias com outras pessoas de boa vontade, demonstramos que podemos abordar questões de justiça com paixão e compaixão. Estamos gradual e decisivamente, a ocupar



o nosso devido lugar na luta pela justiça entre gêneros. Mediante a colaboração, a partilha de recursos e de conversas corajosas, podemos começar a imaginar um novo mundo na nossa região onde não haja espaço para a violência baseada no gênero e todo o ser humano seja capaz de florescer.

3. REFORÇANDO A NOSSA RESPOSTA À VIOLÊNCIA BASEADA NO GÊNERO

Embora tenhamos começado a contribuir para a resposta à violência baseada no gênero, reconhecemos que ainda há muita margem para melhorias. As seguintes estratégias podem melhorar a nossa resposta global para com a epidemia.

3.1. Reforçar e Divulgar o Conceito de que todos os seres humanos são criados iguais

Os nossos textos sagrados deixam claro que todos os seres humanos são criados iguais com o direito de gozar vidas abundantes.

3.2. Resistir à Dominação e ao Poder com criatividade e coragem

"Aquele que é carregado nas costas de outros não nota quão longe fica é a cidade"

(Provérbio africano)

Muitas vezes, as ideologias de gênero que dão origem à violência baseada no gênero são apoiadas ou justificadas mediante o abuso dos nossos textos e das nossas tradições sagrados. Os nossos ensinamentos e a nossa

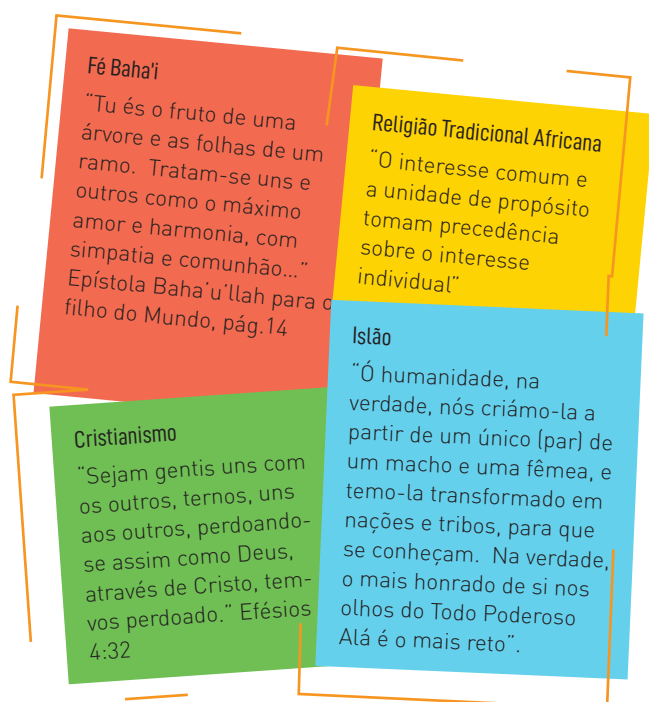
afiliação religiosos proporcionam um contexto e uma lente significativos através dos quais os membros processam a sua experiência da violência baseada no gênero. Estes podem funcionar ora como uma fonte ora como impedimento.

Precisamos de ter a coragem de revisitar as interpretações limitadas das nossas Sagradas Escrituras e permitir que outros textos nos desafiem a não usá-las mal. A título de exemplo, os ensinamentos que normalizam o domínio masculino sem reconhecer a necessidade do respeito mútuo, do amor e da submissão à imagem de Deus em cada ser humano, podem facilmente conduzir ao abuso de poder e podem ser usados para justificar a violência baseada no gênero. Nós, enquanto líderes religiosos, também somos culpados de abusar do nosso poder e de aceitar a cultura do silêncio e da impunidade nas nossas comunidades religiosas que possibilita e reforça a violência baseada em gênero. Comprometemo-nos a eliminar tais incidências se forem perpetradas pelos nossos próprios funcionários, e a implementar medidas proativas para impedir que tais abominações da justiça de Deus ocorram.

Promoveremos ativamente a justiça de gênero no seio das nossas comunidades, a fim de combater a violência baseada no gênero. Os nossos textos religiosos falam-nos da paz, do amor e do convívio em relações harmoniosas e de honra mútua¹².

3.3. Promover a aprendizagem mútua

A partilha de boas práticas e da aprendizagem mútua entre nós enquanto comunidades religiosas mediante a troca de informações e reuniões regulares entre grupos religiosos ajudarão a manter as nossas intervenções relevantes. Nós, enquanto líderes religiosos, queremos aproveitar das nossas posições como líderes comunitários para ajudar a promover a discussão sobre assuntos relacionados à violência baseada no gênero.



Existem exemplos de redes e coligações especificamente concebidos para abrir tais espaços de aprendizagem mútua em, e através de, muitas tradições religiosas¹³.

As nossas tradições religiosas fundamentam-se na ética do cuidado e da justiça. Isto se confirma nos nossos escritos sagrados como se destaca abaixo.

3.4. Promover a interação com as organizações atuando em torno da violência baseada no gênero

Embora haja sinais emergentes de colaborações com organizações e indivíduos que atuam em torno da violência baseada no gênero para além da comunidade religiosa, é preciso intensificar tais colaborações. Existem recursos e experiências que podem ser utilizados mais no sentido de nos beneficiar dentro da comunidade religiosa. Por isso, procuraremos interagir, de forma proactiva, com os atores do Estado e da sociedade civil, enquanto nos esforçamos para servir todos os seres humanos.

3.5. Apoio à Investigação e a Documentação de respostas religiosas face à violência baseada no gênero

À medida que as nossas instituições de formação se tornam cada vez mais envolvidas na resposta à violência baseada no gênero, desafiamo-las a investir na investigação e na documentação. Isto assegurará que as nossas intervenções se tornem mais eficazes, uma vez que serão informadas pelos resultados da investigação. Ademais, esforçar-nos-emos a documentar as nossas respostas à violência baseada no gênero. A documentação tem sido um dos nossos maiores desafios. Como foi muito justamente notado, tendemos a gastar mais energia a "fazer" em vez de registar o nosso trabalho e as nossas experiências.¹⁴ Comprometemo-nos a abordar este desafio documentando as nossas respostas à violência baseada no gênero de forma mais eficaz e a refletir deliberadamente sobre as nossas experiências de modo a melhorar as nossas práticas e aumentar o nosso impacto na transformação de nós mesmos, das nossas instituições religiosas, das nossas comunidades e dos nossos locais de culto e, ultimamente, da vida de cada pessoa.

REFERÊNCIAS

1. Gender Links, "Chapter 5: Gender-Based Violence," SADC Gender Protocol 2018, 153. <https://genderlinks.org.za/wp-content/uploads/2018/08/Chap5-Baro-2018-GBVfin.pdf>
2. Gender Links, SADC Gender Barometer 2009. https://www.sadc.int/files/5013/5435/5210/SADCGenderBarometer_2009.pdf
3. UNFPA Engagement in ending Gender-based Violence: Advocacy and Policy Capacity Development Knowledge Management Service Delivery: Results of a mapping exercise. 2016. Available at https://www.unfpa.org/sites/default/files/resource-pdf/UNFPA_Brochures_on_GBV_Prevention_and_response.pdf
4. See for example, D. B. Gennrich, 'Liturgy, Faith and Sexual and Reproductive Health Rights: A Study of Liturgical Reframing in the Anglican Church of Southern Africa,' A thesis submitted in fulfilment of the degree of Master of Arts in the School of Religion, Philosophy and Classics in the College of Humanities, University of KwaZulu-Natal, Pietermaritzburg, 2017, 18.
5. E. le Roux, 2015 A scoping study on the role of faith communities and organisations in prevention and response to sexual and gender-based violence: Implications for policy and practice, 48. Available at: https://jiflc.com/wp-content/uploads/2015/10/Le-Roux_SGBVFaith-scoping-study_REPORT_30Sept15.pdf
6. <https://www.sadc.int/issues/gender/gender-based-violence/>
7. UNFPA Asia and the Pacific Regional Office, "Preface," in A Mapping of Faith-based Responses to Violence against Women and Girls in the Asia-Pacific Region. Bangkok, 2012, 7.
8. See, for example, T. S. Maluleke and S. Nadar, "Breaking the Covenant of Violence against Women," Journal of Theology for Southern Africa 114, 5-17.
9. For a detailed discussion of the causes of gender-based violence, as well as global and regional efforts to address it, see the SADC Regional Strategy and Framework of Action for Addressing Gender Based Violence 2018 – 2030. Available at: https://www.unodc.org/documents/southernafrica/Stories/2019/SADC_Regional_Strategy_and_Framework_for_Action_on_GBV_-_FINAL_September_2018_-_ENGLISH_VERSION.pdf
10. <https://www.oikoumene.org/en/get-involved/thursdays-in-black>. Badges and faith based resources to take this campaign forward are available at <https://www.thursdaysinblack.co.za/>
11. UN Women Training Centre, Self-Learning Booklet: Understanding Masculinities and Violence Against Women and Girls. San Domingo, UN Women Training Centre, n.d., 15.
12. Fortune, M. (1987). Keeping the faith: Guidance for Christian women facing abuse. San Francisco: Harper.
13. Faith to Action Network, ACT Ubumbano, We Will Speak Out, and Side by Side are a few examples.
14. S. Parry, Responses of Faith-Based Organisations to HIV/AIDS in Sub-Saharan Africa. Geneva: World Council of Churches, 2003, 17.

Conclusão

Enquanto líderes religiosos e pessoas de esperança, comprometemo-nos a abordar de maneira eficaz a violência baseada no gênero. Defendemos a santidade da vida e que o corpo humano é sagrado. Portanto, deve ser protegido e não deve ser prejudicado. A nossa voz enquanto comunidade religiosa é fundamental para haver respostas eficazes e holísticas à violência baseada no gênero. O silêncio e as respostas "cautelosas" em torno das questões de violência baseada no gênero já deixam de ser opção. O nosso dever é de investir na nossa visão de uma região transformada, produtiva e vibrante, livre de violência baseada no gênero, aproveitando de todas as plataformas à nossa disposição para falarmos e incentivarmos a ação contra este flagelo. Enquanto guardiões dos nossos textos sagrados, comprometemo-nos a aprofundar o exame de textos e ensinamentos religiosos e a explorar novas interpretações libertadoras que promoverão a saúde e o bem-estar de todos, incluindo aqueles afetados pela violência baseada no gênero.

Procuraremos também implementar, com a devida responsabilização, as políticas que já temos; atualizar aqueles que precisam de ser atualizadas; e elaborar novas, sempre que for necessário. Juntamo-nos enquanto líderes religiosos, enquanto aliados dos sobreviventes, defensores contra a impunidade, a discriminação e a estigmatização dos sobreviventes. Juntos, desafiaremos as normas de gênero religiosas e culturais que sejam opressivas e abordaremos quaisquer questões de injustiça a elas relacionadas, e estaremos abertos a ser chamados a prestar contas.

Avançamos com uma visão de esperança e um apelo à ação.

STE RESUMO FOI ELABORADO PELAS SEGUINTE INSTITUIÇÕES:



ACT UBUMBANO



The Methodist Church of Southern Africa
A Christ healed Africa for the healing of nations

actalliance

